

007/2021

23 de abril

CELEBREMOS A LIBERDADE!

Caras e Caros Colegas,

Este é o ano em que celebramos **47 anos de LIBERDADE!**

Infelizmente, sabemos que a Liberdade, na sua plenitude, ainda não chega a todos os países. Quando assistimos a muitos que se veem forçados a abandonar o país onde nasceram, em busca da tão almejada Liberdade...Liberdade de simplesmente SER! Ou aqueles, que continuam a lutar contra formas de ditadura, que teimam em fazer relembrar o passado...

Mas hoje é dia de celebrarmos e saudarmos a liberdade, que muitos de nós ajudámos a conquistar, e que muitos outros a perpetuam quando se permitem dizer NÃO!

Acreditamos que **não nascemos livres...Tornamo-nos livres!**

Gostaríamos de deixar uma mensagem a si, e em particular, às MULHERES; aos e às SINDICALISTAS; e aqueles e aquelas que NASCERAM DEPOIS DO 25 DE ABRIL DE 1974.

Às **MULHERES...**

Recordemos que foi uma mulher, de nome Celeste Caeiro, que distribuiu cravos vermelhos pelos populares no dia da Revolução. Cravos esses que os militares, que derrubaram a ditadura do Estado Novo, colocaram nos canos das suas espingardas, tornando, assim, o cravo vermelho o símbolo da liberdade.

Com o 25 de Abril à Mulher, é permitido ter Direitos, Liberdade e Igualdade.

A Mulher passou a ser reconhecida, não enquanto Mulher, mas enquanto Ser Humano com Direitos. Passou a poder exercer o direito ao voto, a trabalhar, a ser independente, a fazer parte da Constituição da República que em 1976 vem consagrar a igualdade entre Homem e Mulher.

A reforma do Código Civil traz a abolição de disposições discriminatórias do direito à família, acabando com o “estatuto” de dependência na família.

As conquistas no mercado de trabalho também dão passos largos após o 25 de Abril, quando em termos de contratação coletiva, há mudanças significativas no tratamento de matérias relacionadas com a proteção da Mulher no trabalho, na gravidez e na maternidade.

O 25 de Abril vem reconhecer à Mulher o Direito a SER LIVRE.

Apesar dos grandes avanços que se verificaram, para reduzir as diferenças entre Homens e Mulheres existentes no período antes do 25 de Abril, continuam, ainda, a persistir desigualdades, nomeadamente na questão salarial e no acesso a determinados cargos. Razão pela qual, a Lei das Quotas é um “mal necessário” para forçar a Mudança.

pág. 1/4

Aos SINDICALISTAS...

que lutam pela defesa dos direitos dos trabalhadores e das trabalhadoras que representam e que, diariamente procuram assegurar a manutenção da liberdade e da democracia conquistadas há 47 anos.

A concertação social e a negociação coletiva são aspetos que fazem parte da agenda sindical, e em particular na missão que abraçaram de representar os trabalhadores e as trabalhadoras. E para estes, o 25 de Abril trouxe grandes conquistas: a criação do Salário Mínimo Nacional, beneficiando milhares de trabalhadores e trabalhadoras portugueses e, permitindo uma melhoria das suas condições de vida.

A instituição do pagamento da pensão social para pessoas que nunca haviam descontado para a previdência, mas que trabalharam uma vida inteira. O 13º mês, o direito a férias e o respetivo pagamento, que em pouco tempo passou a abranger a generalidade dos trabalhadores e trabalhadoras, e a criação do subsídio de desemprego, foram conquistas decorrentes da Revolução dos Cravos.

O 25 de Abril permitiu legislar matérias laborais importantes, salvaguardando os direitos dos trabalhadores e das trabalhadoras. Foram definidas as primeiras regras para os despedimentos coletivos e proibidos os despedimentos sem justa causa.

Apesar dos direitos conquistados, torna-se necessário uma mudança de mentalidades, como diria Nelson Mandela:

“Ser livre não é apenas livrar-se das correntes que nos prendem, mas sim viver sendo capaz de respeitar e engrandecer a liberdade dos outros.”

Atualmente vivemos numa sociedade onde o espírito de solidariedade se vai desvanecendo, o coletivo não é considerado importante, e onde o papel dos sindicatos é cada vez menos reconhecido. Vivemos um momento em que é importante DESPERTAR o associativismo, o coletivo, a representatividade, a justiça social, o direito a ser livre, caso contrário corremos o risco de deixar adormecer aqueles e aquelas que lutaram para que hoje possamos respirar em Liberdade!

Estamos a passar um momento único da nossa história, onde um vírus invisível e mortal nos forçou a viver Livres, mas sem Liberdade. Por vezes, o invisível, no silêncio, faz o que consideramos ser o impossível e revela o seu poder. Tomara nós termos o antídoto para combater este mal invisível, mas com impacto naquilo que vemos.

Se ser sindicalista já era um desafio nos tempos atuais, ser sindicalista no meio de uma pandemia, numa versão forçada de teletrabalho, e com tantas mudanças profundas na forma de trabalhar a que estamos habituados, ganha outro nível. Mais do que antes, torna-se crucial depositar a nossa confiança naqueles e naquelas que nos representam e lutam, mesmo invisíveis, para que as transformações que estão a acontecer a um ritmo acelerado na organização do trabalho e nas relações laborais, sejam suaves e despercebidas, garantindo que a nossa liberdade continue com voz e que os nossos direitos sejam mantidos.

Finalmente uma mensagem, aos que **NASCERAM DEPOIS DO 25 de ABRIL de 1974**, mas que têm no seu ADN a herança de um passado familiar, e de um passado nacional: a importância da Liberdade do Ser Humano e da Democracia; a importância de lutar pela igualdade de direitos e pela não discriminação; a

importância de lutar pela cidadania e pela tolerância, pela integração e inserção social dos grupos mais vulneráveis; a Solidariedade e a Responsabilidade Social; são aspetos da bandeira da Liberdade que defendemos e erguemos...

Foram precisos 48 anos de ditadura para percebermos a importância da Liberdade e Lutar por ela. Façamos uma reflexão: passados 47 anos da tão almejada Liberdade, como pessoas, como cidadãos, como trabalhadores e trabalhadoras, de que forma escolhemos viver a Liberdade conquistada?

Este é também o momento de celebrar o **1º de Maio**, que mais do que um dia para comemorar, serve para recordar, alertar e sensibilizar o país da importância de questões essenciais para os trabalhadores e para as trabalhadoras, exigindo direitos, maiores salários e melhores condições de trabalho. É acima de tudo um momento para relembrar a importância de uma sociedade mais justa, mais solidária e mais igualitária.

Não obstante a evolução positiva nos direitos dos trabalhadores e das trabalhadoras nas últimas décadas: maiores salários e maiores pensões, descida da taxa de desemprego, evolução de uma legislação adaptada ao direito laboral e ao funcionamento do mercado do trabalho, e uma melhoria das condições de trabalho, persistem ainda aspetos preocupantes que nos impedem de atingir níveis de orgulho no ranking europeu.

Salários ainda aquém da média europeia, número de acidentes de trabalho ainda elevado, apesar da melhoria verificada nos últimos anos. Em termos de produtividade, os indicadores continuam ainda abaixo do que seria desejável, mais ainda se tivermos em consideração o número de horas trabalhadas e os horários de trabalho praticados.

Por outro lado, o crescente número de situações de *burnout*, assédio moral e de discriminação no local de trabalho exigem respostas adequadas e urgentes em contexto laboral, ao mesmo tempo que questões como o envelhecimento demográfico, a evolução tecnológica e a adaptação dos contextos de trabalho às novas profissões e tecnologias, surgem também como novos desafios. A digitalização e o seu impacto no mundo do trabalho estão na ordem do dia e é uma realidade e também uma prioridade. O aparecimento de novas profissões, a extinção das profissões que atualmente conhecemos e os riscos que essa mudança terá no desemprego de inúmeros trabalhadores e trabalhadoras são preocupações atuais.

Estamos na era digital e torna-se necessário preparar o mundo do trabalho para a evolução, assegurando a proteção dos direitos dos trabalhadores e das trabalhadoras.

O momento atual que vivemos, motivado pela pandemia, é sobretudo um argumento para saudarmos ainda com mais força o **1º de Maio, o Dia Internacional do Trabalhador**, numa altura em que as relações de trabalho e a organização do trabalho sofreram alterações profundas e adaptações a uma nova realidade. É nestes momentos, que se torna fundamental pugnar e salvaguardar a manutenção dos direitos e garantias essenciais dos trabalhadores e das trabalhadoras portuguesas, e dos trabalhadores e trabalhadoras de seguros em particular.

É também um momento para refletirmos sobre o futuro do mundo do trabalho, com a imposição forçada das novas tecnologias e modelos de organização. O isolamento e o recurso ao Teletrabalho como uma ferramenta necessária e generalizada, pode colocar em causa a necessidade, ou não, de muitos postos de trabalho. Ainda que numa situação excecional e temporária, como a que atualmente vivemos, impera uma reflexão profunda sobre o futuro do trabalho e das relações de trabalho.

Saudemos então o 1º de Maio, com a esperança de que a luta daqueles e daquelas que nos antecederam, mantenha viva a importância dos direitos, deveres, liberdades e garantias dos homens e das mulheres que trabalham, reconhecendo a necessidade de criar condições condignas de trabalho para todos e para todas.

VIVA A LIBERDADE!

VIVA A DEMOCRACIA!

VIVA O 25 DE ABRIL!

VIVA O 1º DE MAIO!

VIVA O STAS!

VIVA OS TRABALHADORES E AS TRABALHADORAS DE SEGUROS!

**Saudações Sindicais,
A Direção do STAS**